

15/7/1986

Cortador de cana mantém greve

Leme (SP) — A greve dos 6 mil cortadores de cana de Leme não deu sinais de arrefecimento, ontem, embora não registrasse qualquer incidente e a Polícia Militar tenha retirado os seus homens das ruas. Sem a presença de diretores do sindicato e sem piquetes, os bóias-frias tomaram duas atitudes: a maioria fez greve em casa, enquanto grupos foram para o campo, mas se recusaram a trabalhar. Uma assembléia para definir o rumo do movimento estava marcada para a noite.

Apesar de isolado politicamente, Leme é o único município ainda em greve. O movimento dos canavieiros tomou novo fôlego, impulsionado pelo clima emocional que resultou dos incidentes da última sexta-feira quando duas pessoas morreram. Entre os trabalhadores no campo, as opiniões coincidem quanto a necessidade de mudança na postura empresarial para encerrar a greve. Parte dos canavieiros concordam em voltar ao trabalho se receber roupa, equipamento de segurança (luvas e caneleiras) e de trabalho (lima e facão). Outra corrente só aceita cortar cana se o preço for melhorado, e há ainda um terreiro grupo que insiste na mudança do método de avaliação da produção — que seja medida em metro linear e não em tonelada.

— Estamos lutando por um direito nosso. Já morreu um companheiro e tem muita gême ferida. Não vamos deixar barato — garantiu Juscelino Torres, um dos que não abrem mão do pagamento por metro linear.

Indústria

Em São Paulo, o Sindicato das Indústrias de Açúcar classificou de-pretexto para a greve a reivindicação dos trabalhadores de serem pagos por metro linear de cana cortada. Segundo o diretor jurídico do sindicato, Márcio Maturano, o pagamento do corte de cana é feito através de conversão de metros lineares em toneladas, depois de uma avaliação das características da lavoura em três pontos diferentes.

— Os trabalhadores podem escolher os pontos da plantação considerados na amostragem e acompanham, através de um representante, a pesagem na usina. Se levássemos em conta apenas o metro linear, haveria distorções sérias, pois nesse espaço poderia haver quatro, oito ou 12 pés de cana — justificou Maturano. Na sua opinião, o método de conversão de metros lineares em toneladas — previsto no acordo entre produtores e cortadores de cana, assinado em 25 de junho — não foi honestamente comunicado aos trabalhadores pelos dirigentes sindicais.

A empresa mais prejudicada pela greve dos bóias-frias de Leme é a Usina Cresciumal, a única que emprega apenas moradores desse município e que deixou de produzir, nos últimos 12 dias, aproximadamente 4 milhões 200 mil litros de álcool e 48 mil sacas de açúcar. Dos seus 1 mil 160 cortadores de cana contratados para esta safra, apenas 2 a 3% compareceram ao trabalho ontem.

Ontem, D. Lucy Montoro, mulher do governador Franco Montoro, visitou os familiares das vítimas de Leme para oferecer a sua solidariedade.

(Página 13)